



A Phalange: voz e discurso do jornalista piauiense Simplício Coelho de Rezende¹

Camilla de Sousa Melo²

Jéssica Catarine Santos³

Ana Regina Rego⁴

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar o discurso político do polêmico personagem da imprensa piauiense do século XIX, Simplício Coelho de Rezende, político conservador com atuação e projeção no cenário nacional. A análise foi realizada tendo como metodologia a AD-Análise de Discurso a partir dos conceitos definidos por Bakhtin (1977 e 1992) e Maingueneau (1997). O objeto da pesquisa foi o jornal *A Phalange*, tendo como amostra nove exemplares publicados no ano de 1889. Ao final conclui-se que a atuação jornalística de Coelho de Rezende no cenário estadual foi bastante conturbada e marcada por muitas intrigas dentro do próprio partido Conservador, por outro lado, observa-se que o discurso deste jornalista foi exasperado, panfletário e de combate na maior parte do tempo, enquanto que em momentos de campanha eleitoral tornava-se mais ameno.

PALAVRAS-CHAVE: *A Phalange*; Coelho de Rezende; História da Imprensa; Partido Conservador Piauiense.

INTRODUÇÃO

Estudar a história é um processo que reconstrói dentro de um espaço temporal a história do próprio homem e suas relações com os acontecimentos vividos. A história da imprensa piauiense vem sendo reconstruída por nomes da História e do Jornalismo, como Terezinha Queiroz, Ana Regina Rego, Celso Pinheiro Filho e outros, com a finalidade de desvendar as raízes da nossa imprensa bem como perceber sua evolução.

Nesse processo de regressão aos primórdios da imprensa piauiense, assim como nos dias atuais, é impossível separar a produção jornalística do fator político. A política foi quem impulsionou o surgimento da imprensa no Brasil.

A proposta deste artigo é apresentar o personagem da história piauiense Simplício Coelho de Rezende. Antes, porém, situamos historicamente o Piauí e o Brasil

¹ Trabalho apresentado no DT 1– Jornalismo – GP História do Jornalismo, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011. Trabalho de pesquisa desenvolvido dentro do Projeto de Pesquisa sobre História da Imprensa do NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFPI, pesquisadora do NUJOC, e-mail: camillasmelo@gmail.com

³ Estudante de graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFPI, pesquisadora do NUJOC, e-mail: jeskatarine@gmail.com

⁴ Jornalista. Mestre em Comunicação e Cultura ECO-UFRJ. Doutora em Comunicação METODISTA -SP/UAB/BCN. Professora da UFPI. Coordenadora do NUJOC. Orientadora.



no final do Segundo Reinado. Em seguida, apresentamos um resgate da história da imprensa piauiense, destacando os principais periódicos do período do Brasil Império.

Enfim, traçamos a biografia do político atuante e arrojado jornalista Coelho de Rezende e nos debruçamos sobre os jornais *A Phalange*, que surgiu no ano de 1889 para ser palco das discussões intra-partidárias que Rezende travou com o Partido Conservador.

Nove matérias iniciais de *A Phalange*, de janeiro a setembro de 1889, são analisadas sob a ótica da Análise de Discurso, baseada nos conceitos de heterogeneidade constitutiva e dialogismo de Bakhtin e de *ethos* de Maingueneau.

O BRASIL E O PIAUÍ AS VÉSPERAS DA REPÚBLICA

Os jornais a princípio tiveram o papel de porta-vozes oficiais e um caráter meramente descritivos. Com a ebulição das transformações políticas e das disputas pelo poder na província do Piauí, os jornais eram palco de embates entre grupos políticos e famílias rivais, que na corrida pela permanência no poder usavam a imprensa como meio de disseminar ataques aos adversários.

Passado o Primeiro Reinado, o país vive o período das regências, que vai de 1831 a 1840, quando D. Pedro II assume, após alcançar a maior idade e então está apto a governar. Nos governos regenciais, formaram-se diversas correntes políticas que não se organizavam como partidos, são eles: os liberais moderados ou chimangos; os liberais exaltados ou jurujubas ou farroupilhas; e os restauradores ou caramurus. Com a morte de D. Pedro I, no ano de 1834, os caramurus extinguem-se, enquanto dos dois primeiros surgem o partido Conservador e o Liberal, que atuam como principais partidos do Segundo Reinado.

Rêgo (2000, p. 174) define os conservadores e liberais como “provenientes de uma mesma camada social, os componentes desses partidos possuem valores, linguagens e idéias similares, o que possibilita tanto a eliminação dos radicalismos, como a formação de um acordo em torno da forma de organização do poder”.

No período da Regência, a província do Piauí viveu dias de crescimento com a criação das vilas do Poti, São Gonçalo de Amarante, Piracuruca e Jaicós, sob o comando de Manuel de Sousa Martins, o Visconde da Parnaíba.

As propriedades eram nesse momento a grande fonte de poder e riqueza e estavam concentradas em uma pequena elite. A essa elite, pertenciam ainda, os poucos letrados que possuíam títulos superiores. No Brasil, o número de pessoas com títulos



superiores era bem pequeno. No Piauí, era ainda menor como consequência do número quase inexistente de escolas.

Apesar das dificuldades quanto a existência de instituições de ensino na província, os proprietários de terra não deixaram de educar seus filhos. O destino desses que viam a educação como um meio de alcançar uma carreira política notável, era comumente Coimbra, Salvador ou Recife.

Com a abolição da escravatura, em 1888, a dinâmica econômica do império se modificou, embora essa mudança tenha sido gradual, pois nesse contexto o centro econômico do país passou a ser o centro-sul devido a plantação de café que a partir de então se tornou o principal produto de exportação.

Mas, desde o final do século XVIII o Brasil passa por uma seqüência de desenvolvimento iniciado pela construção de estradas de ferro, iluminação a gás, telégrafo, limpeza pública, surgimento da indústria, transportes urbanos e estes feitos impulsionaram o desenvolvimento intelectual da sociedade brasileira. Após a Guerra do Paraguai (1870) o imperador Pedro II perde ainda mais popularidade junto à sociedade, pois o mesmo consegue a inimizade dos militares, do clero e dos burgueses. Sobre este período Carvalho (1996, p.47) relata “após, a guerra do Paraguai, começou a se formar uma contra elite militar, de características distintas das da elite civil, tanto em termos sociais como ideológicos”.

Durante o fim do império a classe média é a única parcela da sociedade que se dedica à leitura, pois a grande maioria da população é analfabeta, logo o número de escritores também é reduzido, apesar deste número ser superior ao número de alfabetizados. Basbaum (1986, p.198) define a classe média como

“a única que escreve e que às vezes lê, é nova, pequena, débil, não tem tradição nem alma. Tem de se guiar pela influência estrangeira, particularmente 'os abomináveis princípios franceses', como eram designados entre nós, pela classe detentora do poder [...]”.

IMPrensa PIAUIENSE: O PALCO DAS DISCUSSÕES POLÍTICAS

O surgimento da imprensa piauiense, assim como da imprensa brasileira se dá pelo viés político. O primeiro jornal piauiense foi *O Piauiense*, que surge em 1832 com um projeto extremamente institucional, dez anos após a instauração da primeira escola da província do Piauí, o que demonstra a fragilidade educacional e a política que havia na época.



Em 1839 é criado o periódico *O Telégrafo* com o intuito de manter a sociedade favorável as ações do Coronel Manoel de Sousa Martins, que posteriormente irá se tornar Visconde da Parnaíba. Pinheiro Filho (1972, p.11) define “este jornal foi o primeiro noticioso, de modo geral, embora de cunho semioficial”.

Os escritores Celso Pinheiro e Ana Regina Rego definem o jornal *O Liberal Piauiense* como o primeiro jornal de cunho político, doutrinário e noticioso. Jornal este que tinha como redator oficial o jornalista e político, Lívio Lopes Castelo Branco, que combatia arduamente o Visconde da Parnaíba e foi um periódico com participação ativa no desfecho da Balaiada.

A partir desse contexto surgem os órgãos propagadores das ideologias dos partidos, pois apesar dos periódicos anteriores também possuem um caráter politizado, estes, porém, tomam para si a responsabilidade de difundir informações para sociedade. *O Echo Liberal* é um destes periódicos, veiculado em 1849 se denominava o órgão oficial do Partido Liberal do Piauí. O único e principal redator dessa publicação era Tibério César Burlamaqui, que por conta de sua deficiência visual ditava para sua esposa o conteúdo que deveria ser publicado no jornal.

A então capital Oeiras foi palco de uma efervescência jornalística desde a implantação do primeiro jornal em 1832 até a mudança da capital para Teresina, em 1852. No total Oeiras reuniu 16 jornais, que resistiram como puderam a transferência da capital para a vila do Poti. Pinheiro Filho afirma que “após a mudança, todos os jornais ali existentes silenciaram. Ainda houve uma tentativa, em 1854, (...) com o surgimento d’O Oeirense (1972, p.15).

O primeiro jornal a ser veiculado na nova capital Teresina foi *A Ordem* que trazia nas suas páginas características de um jornalismo que começava a perder o caráter puramente oficial, dando espaço ao noticiário político e social e também artigos doutrinários, com o intuito de agradar seus leitores.

O jornal *A Ordem* desaparece junto com a saída de Pereira Alencastre, seu redator, do Piauí. É então, que Lívio Lopes Castelo Branco retoma suas atividades jornalísticas, agora na nova capital da província, e ensina nomes que se destacariam no ano de 1860. Deolindo Moura é um dos que teve como mestre Lívio Lopes e que atuou no *O Conciliador Piauiense*, que durou até 1858, quando deu lugar ao *O Propagador*.

O enigmático David Caldas, antes de fundar os seus próprios jornais com ideais republicanos, foi discípulo e colaborador de Deolindo Moura na defesa pelo



partido Liberal, juntos escreveram nos jornais *Liga e Progresso* (1862) e *A Imprensa* (1865).

Como impressos do Partido Conservador, podemos destacar *A Moderação*. Em abril de 1878 o jornal *A Época* passa a substituir essa publicação na categoria de órgão propagador dos ideais conservadores. Rego (2000, p.87-88) descreve o novo jornal como, “a exemplo de *A Moderação*, o novo jornal é diagramado em quatro colunas, impresso em quatro páginas, das quais aproximadamente três destinam-se a questões políticas, entre denúncias, debates políticos, intrigas pessoais, injúrias, calúnias, etc”.

Os jornais *A Época* e *A Imprensa* foram retratos das discussões partidárias que dominavam as páginas dos periódicos, no Piauí do século XIX. Críticas a gestão administrativa, invasão da vida particular e íntima do adversário eram as principais pautas desses informativos que colocavam Conservadores e Liberais no embate político e social.

Nesta breve retrospectiva da história da imprensa, há um fato no mínimo curioso que aparece no ano de 1887, o jornal intitulado *A Reforma*. Mesmo sendo escrito por liberais, o jornal traz como epígrafe, a seguinte frase: “Órgão do Commercio, Neutro entre os Partidos”. As páginas deste periódico, de fato, trazem uma neutralidade partidária: há espaço tanto para liberais como para conservadores. Celso Pinheiro Filho (1997, p. 89), justifica essa neutralidade quando diz que *A Reforma* “defendia idéias abolicionistas, com tendências republicanas também, as quais receberam censura do chefe do Partido Liberal, tornando-se o jornal mais moderado”.

Como exemplo da atuação conservadora nas páginas do jornal *A Reforma*, temos o crítico e atuante Simplício Coelho de Rezende e seus seguidores que assinam a longa coluna denominada Página Conservadora.

Nas linhas dessa coluna, Coelho de Rezende demonstra sua divergência pessoal com a ala conservadora apoiada por Gabriel Ferreira, Theodoro Alves Pacheco e Raimundo Arêa Leão. Divergência essa, intensificada nas eleições para deputado geral de 1889, episódio em que Coelho de Rezende só consegue se eleger com os votos dos liberais, após a divisão dos conservadores.

Com a repercussão da coluna Página Conservadora no jornal *A Reforma*, Coelho de Rezende tem a necessidade de ampliar suas páginas de debates, o que o leva a criar, no ano de 1889, o periódico denominado *A Phalange*.



Logo mais adiante, faremos uma análise mais específica sobre este periódico e o seu redator, observando seu surgimento e os diálogos que este trava com a ala centrista do Partido Conservador.

O IRREVERENTE JORNALISTA DA DÉCADA DE 1880: COELHO DE REZENDE

Celso Pinheiro Filho define Coelho de Rezende nas seguintes palavras “Se Deolindo Moura representou, no mundo jornalístico piauiense, a década de 1860; Davi Caldas a de 1870, inegavelmente coube esse papel, na década de 1880, a Simplício Coelho de Resende” (PINHEIRO FILHO, 1997, p.92).

Tal definição revela tamanha importância da atuação de Simplício Coelho de Rezende na imprensa piauiense do século XIX, especificamente no ano de 1889, as vésperas da proclamação da República.

Os desafios de estudar este irreverente político e sua produção jornalística não são poucas, a começar pela ausência de documentos em condições aptas para a pesquisa histórica que possibilite a observação e análise de sua obra.

As contradições em torno de Coelho de Rezende têm início em sua origem. Cláudio Bastos e Wilson Carvalho Gonçalves ao fazerem uma breve biografia de Coelho de Rezende em seus Dicionários Histórico-Geográfico, afirmam que ele nasceu em 1º de abril de 1841, na cidade de Periperi (atual Piripiri); enquanto Benjamim de Moura Batista ao assumir a cadeira nº 26 na Academia Piauiense de Letras, cadeira que tem Coelho de Rezende como patrono, refere-se a ele como “filho de uma das mais ilustres famílias piauienses, nasceu o Dr. Rezende na vestusa cidade de Piracuruca, no dia 1º de abril de 1841” e mais adiante diz, que após concluir seu Bacharelado em Direito “foi nomeado Promotor de sua terra natal – Piracuruca”.

O que se sabe ao certo é que Coelho Rezende formou-se em Direito na cidade de Recife – Pernambuco, no ano de 1868 onde foi professor de filosofia. Quando regressou ao Piauí, foi nomeado promotor público da cidade de Piracuruca, onde ficou por pouco tempo, por não ter um bom relacionamento com o Juiz Municipal, que também era seu cunhado, Dr. Leocadio Cabral.

Em seguida foi nomeado promotor de Campo Maior, mas não chegou a assumir o cargo sendo remanejado para a cidade de Parnaíba onde atuou por três anos. Em Parnaíba construiu um vasto círculo de amizade e foi então nomeado, Juiz Municipal da Vila de Barras. Na capital da província do Piauí, Teresina, tornou-se



professor do Colégio Liceu Piauiense e da Escola Normal, onde lecionou latim e geografia e, redigiu em alguns jornais como *A Época*, *O Democrata*, *A Reforma* e *A Phalange*.

Coelho de Rezende foi deputado pelo Partido Conservador por duas vezes: de 1870 a 1873 foi deputado provincial e de 1885 a 1889 foi deputado geral. Quando deputado geral propôs a rede telegráfica do Piauí que ligasse Parnaíba a Teresina, passando por importantes povoados intermediários.

Ainda como deputado geral, Coelho de Rezende fez parte da polêmica Questão Militar, após pronunciamento na capital do Império, Rio de Janeiro, que denunciava irregularidades nas forças armadas. Alguns historiadores vêem a denúncia como um dos fatores que precipitou a Proclamação da República.

Gonçalves (1997, p. 280) diz que:

“esse acontecimento incorporou Coelho de Rezende no contexto dos fatos da célebre Questão Militar. O historiador Rocha Pombo, na sua História do Brasil, assim descreve o fato: ‘ (...) Mal se poderia imaginar que a fiscalização de uma companhia isolada de infantaria, com sede no Piauí, fosse a causa inicial de tão profunda comoção. Quando fiscalizava essa companhia, o então coronel Cunha Matos verificou importantes extravios de fardamento. De tudo deu logo parte ao governo; e baseado em documentos, propôs que fosse nomeado um conselho para reconhecer os responsáveis daqueles fatos retirado-se do comando daquela unidade o capitão Pedro José de Lima, que neles parecia envolvido. (...) ocupou-se desse assunto na Câmara o deputado Simplício Coelho de Rezende, aconselhando o ministro a tomar precaução no caso”.

O coronel Cunha Matos foi a imprensa discutir o caso e afirmou que Coelho de Rezende estava defendendo seu “constante companheiro de solo no Piauí”, no caso o capitão Lima. Rezende rebateu as ofensas dizendo que Cunha Matos “esteve a soldo do Paraguai, e que, prisioneiro de Lopez, dirigiria a artilharia inimiga contra tropas brasileiras” (Gonçalves, 1997, p. 281).

Coelho Rezende sempre atuou na primeira linha do Partido Conservador e seu jornalismo foi totalmente partidário. Porém, ele não era unânime no meio do Partido e envolveu-se em diversos conflitos com o que ele denominou de “as onças do Centro” (A PHALANGE, nº 1, 1889, p.2) a ala centrista que tinha como principais atuantes Gabriel Ferreira, Theodoro Alves Pacheco e Raimundo Arêa Leão.

Mesmo com as divergências políticas com alguns correligionários e sua participação em um jornal predominantemente Liberal (*A Reforma*), Coelho de



Rezende não rompe com o Partido Conservador e sequer cogita a possibilidade de filiar-se a outro partido, no caso o Liberal.

Coelho de Rezende e seus seguidores criticavam o governo do Partido Conservador na Província do Piauí, que ao seu ponto de vista, já não aspiravam as ideologias originais do partido. O governo da Corte era alvo das críticas dos Liberais que também não poupavam provocações aos conservadores no Piauí.

A irreverência e convicção de Coelho de Rezende fizeram dele um político e jornalista temido e respeitado. Prova disso é que seus inimigos

“fizeram circular um jornal, *O Latiquara*, distribuição gratuita, saindo uma vez por semana, com o dístico: *Olho por olho, dente por dente*. Devido a inconveniência da linguagem usada no mesmo, dizia-se ‘leitura só para homens, dedicado a registrar todas as infâmias, crimes, torpezas e vilanias de Simplício Barnabé de Resende e todos os seus arrieiros’” (PINHEIRO FILHO, 1997, p. 93).

Na figura abaixo podemos visualizar o Jornal *O Latiquara*, apesar do péssimo estado de conservação que o mesmo se encontrava ao ser microfilmado.



FIGURA 1- Jornal *O Latiquara*
Fonte: Acervo Ana Regina Rêgo



Os adversários fizeram circular este jornal no ano de 1889, porém antes, em 1887 os amigos de Coelho de Rezende homenagearam-no distribuindo um jornal de número único e que tinha como título o seu próprio nome.

Rezende alimentou o jornal *A Phalange* até setembro de 1889, as vésperas da Proclamação da República. Em seu jornal ele não citava a república como uma ameaça, pois para ele, assim como para o Partido Conservador em geral, isto era algo distante de acontecer. Na figura abaixo podemos conferir um exemplar do Jornal *A Phalange*.

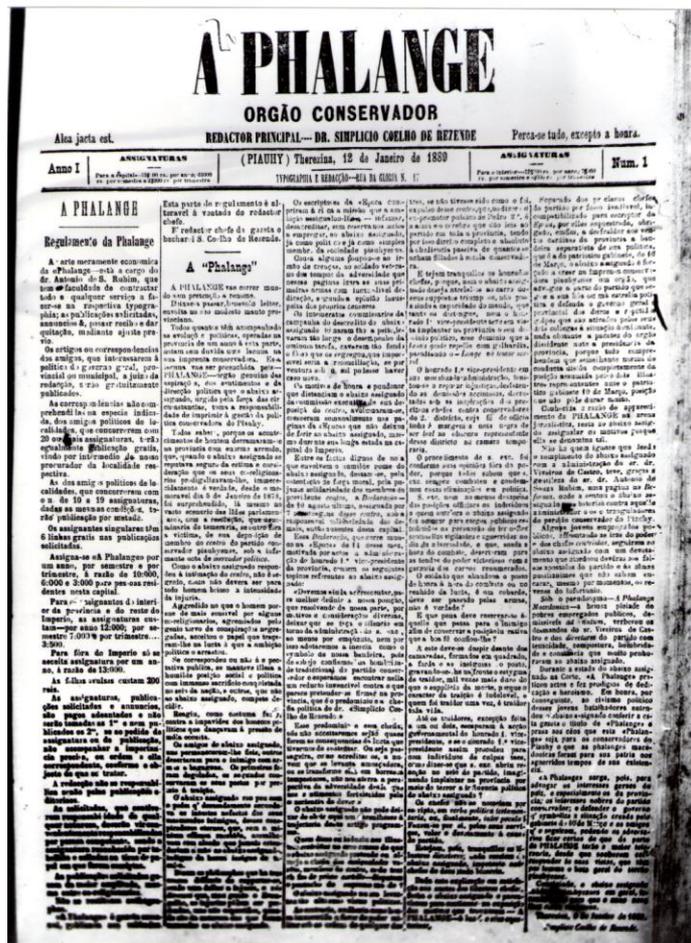


Figura 2- Jornal *A Phalange*
Fonte: Acervo Ana Regina Rêgo

Todavia, após a república, proclamada em novembro de 1889, Coelho de Rezende sofreu perseguições políticas o que o levou a mudar-se para o estado do Amazonas, onde se tornou professor e diretor da Faculdade de Direito e morreu no ano de 1915.

DO ATAQUE A RECONCILIAÇÃO NAS PÁGINAS DE A PHALANGE: OS DISCURSOS DE COELHO DE REZENDE

Considerando as características polêmicas do personagem aqui investigado e o objeto de estudo desta pesquisa, a saber:- o jornal *A Phalange* que apresenta o discurso do Simplício Coelho de Rezende no cenário de indefinições políticas e brigas intra-partidárias, definimos como metodologia a análise de discurso⁵ tomando como base três conceitos: o *dialogismo* de Bakhtin que se refere à dimensão intrinsecamente interativa da linguagem na qual o discurso é o ponto de encontro entre as opiniões de interlocutores imediatos (BAKHTIN, 1992, 1977). O conceito de *ethos* conforme Maingueneau para quem qualquer discurso possui um ethos o que “ [...] implica uma certa representação do corpo do seu responsável, do enunciador que assume a responsabilidade desse discurso [...] Atribui-se-lhe, assim, um caráter, um conjunto de traços psicológicos [...] e uma corporalidade” (MAINGUENEAU, 1998, p. 46)⁶. E o conceito de *heterogeneidade constitutiva* também de acordo com Bakhtine, para quem o discurso se constrói através de um debate com a alteridade (BAKHTIN, 1992, 1977)⁷. A partir destes conceitos e da seleção das primeiras matérias de *A Phalange* elaboramos as categorias de análise com as quais iremos trabalhar a seguir visando identificar as características do discurso do jornalista mencionado no referido jornal. São elas: - *Discurso de ataque e desqualificação do opositor* com base no conceito de *heterogeneidade constitutiva*. - *Discurso de exaltação própria* tendo como referente o conceito de *ethos*. - *Discurso de tentativa de conciliação* a partir do conceito de *dialogismo*.

A amostra aleatória simples compõe-se das matérias iniciais dos exemplares de *A Phalange* veiculados no ano de 1889 e compreendidos entre os meses de janeiro a setembro: *A Phalange*, ano I, nº 01, 12 de janeiro de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 07, *A Phalange*, ano I, 28 de fevereiro de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 10, 20 de março de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 14, 17 de abril de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 20, 29 de maio de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 21, 04 de junho de 1889; *A Phalange*, ano I, nº 26, 28 de

⁵ A análise do discurso visa articular a enunciação com um determinado lugar social e necessita se adequar aos gêneros do discurso nos setores do espaço social. Não realiza uma análise lingüística do texto em si ou uma análise sociológica ou psicológica do seu contexto, porém pode se interessar pelos mesmos que essas disciplinas, como também, pode apoiar-se nas mesmas, todavia adota um ponto de vista analítico diferente, considerando as regras do diálogo, as várias linguagens e os modos de argumentação (MAINGUENEAU, 1998, p. 13).

⁶ As divergências entre os gêneros de discurso ou entre os posicionamentos concorrentes de um mesmo campo discursivo não são apenas uma questão de conteúdo, elas passam também por *ethos* divergentes [...] Isto quer dizer que o *ethos* não deve ser isolado dos outros parâmetros do discurso; ele contribui de forma decisiva para a sua legitimação (MAINGUENEAU, 1998, p.46).

⁷ A heterogeneidade constitutiva é em suma um dialogismo generalizado já que o discurso é tecido com os discursos do outro também (BAKHTIN, 1992, p.304).



julho de 1889; *A Phalange*, ano I, nº30, 24 de agosto de 1889; *A Phalange*, ano I, nº34, 19 de setembro de 1889. Foram pesquisados desta forma, nove editoriais com os quais trabalhamos de agora em diante.

Desde o primeiro exemplar do jornal *A Phalange*, de janeiro de 1889, podemos delinear as características inerentes a esse periódico escrito por Simplicio Coelho de Rezende às vésperas da proclamação da República.

Já na edição número 01 do jornal *A Phalange*, datada de 12 de janeiro de 1889, Coelho de Rezende traz a tona a característica principal do discurso presente no seu jornalismo político: o ataque. Ainda nessa edição, ele afirma que os redatores do periódico *A Época*, jornal oficial do partido conservador piauiense, foram os responsáveis pela sua deposição do cargo de Deputado Geral, tendo esses ignorado o fato de ser Coelho de Rezende um membro do Partido Conservador. Desse modo, é evidente a presença da heterogeneidade constitutiva, conforme podemos conferir no enunciado abaixo.

Enunciado 1:

“Os escriptores da “Epoca” cumpriram a risca a missão que a ambição assignalou-lhes: - infamar, desacreditar, sem reserva nos meios a empregar, ao abaixo assignado, já como político e já como simples membro da sociedade piauyense. [...] Couse alguma poupou-se ao irmão de crenças, ao soldado veterano dos tempos da adversidade que nestas paginas fizera as suas primeiras armas com inexc-lível dedicação, segundo a opinião insuspeita dos próprios censores” (sic) (*A PHALANGE*, 1889, p.1).

Rezende exalta ainda na primeira edição da *A Phalange*, a relevância e superioridade dos seus escritos, menosprezando a existência do jornal *A Época*, argumentando preencher um vazio na imprensa piauiense. No enunciado que se segue podemos perceber a presença do ethos, pois é um discurso notoriamente pessoal e de exaltação do autor.

Enunciado 2:

“Todos quanto têm acompanhado as evoluções políticas, operadas na província de um anno à esta parte, notem sem dúvida a lacuna na sua imprensa conservadora. Essa lacuna vae ser preenchida pela – PHALANGE – órgão genuíno das aspirações, dos sentimentos e da direcção política que o abaixo assignado, urgido pela força das circunstâncias, toma a responsabilidade de imprimir à gestão da política conservadora do Piauhy” (sic) (*A PHALANGE*, 1889, p.1).

A Época rebate as afrontas do jornal de Coelho de Rezende com campanha para que as províncias não contribuíssem com os interesses do periódico por ele assinado. Rezende destaca tal atitude dos redatores de *A Época* na edição do dia 28 de



fevereiro e ainda desqualifica a administração de Viveiros de Castro do Gabinete 10 de Março. Evidencia-se nesse trecho a heterogeneidade constitutiva, definida por Bakhtine.

Enunciado 3:

“Os redactores da Epoca ocupam logar saliente entre os mais distinctos desta espécie. Formaram esses srs. O plano de inimizar-nos todos os governos provinciaes, e para levarem a cabo o seu propósito, todos os recursos servem. [...] Como procedemos deante das administrações ineptas ou tyranicas, sabem-no melhor do que ninguém os redactores da ‘Epoca’, testemunhas oculares por longos anos das nossas luctas jornalísticas, quer no último domínio liberal, quer na desastrada e ridícula administração do sr. Viveiros de Castro, de data recente, podendo ler-se na “Reforma” de 15 de Janeiro do anno findo o artigo do rompimento do nosso chefe com aquella administração” (sic) (*A PHALANGE*, 28 de fevereiro de 1889, p.1).

As polêmicas em torno de *A Phalange* e seu editor renderam a publicação, em 13 de março de 1889, do jornal denominado *O Latiquara* classificado como “leituras só para homens”, como informado anteriormente.

No jornal de 20 de março do mesmo ano, Coelho de Rezende responde abertamente as ofensas e críticas levantadas pelos editores do pasquim, que ele afirma serem os redatores do jornal *A Época*, liderados pelo bacharel Theodoro Alves Pacheco que, segundo Rezende, não assumiria a autoria de *O Latiquara*. Nesse fragmento é visível a voz do ethos.

Enunciado 4:

“E’ impossível que algum destes individuos queira eximir-se á responsabilidade dos pasquim --- O Latiquara; mas estamos convencidos de que o afamado Theodoro Alves Pacheco, não só fugirá á essa responsabilidade, como não tolerará que um só dos seus co-réos o faça, por isso aguardamos da parte deste moderno heróe da Mancha mais uma das suas hespanholadas, manejadas mesmo no ar” (sic) (*A PHALANGE*, 20 de março de 1889, p.1).

Coelho de Rezende faz de *A Phalange* palco para os seus embates com *A Época* e o seu discurso dialogava o tempo todo com os discursos desse periódico. Mesmo quando Rezende usa as colunas do seu jornal para promover-se, ele não deixava de criticar o jornal *A Época*. Nesse enunciado constatamos a coexistência do ethos e a heterogeneidade constitutiva, o primeiro quando Coelho de Rezende enaltece a sua pessoa e a segunda é percebida na desqualificação de seus opositores.

Enunciado 5:

“Para atacar a um homem honesto, estimado e de reputação feita na província como o exm. Sr. Dr. Coelho de Rezende, era necessário que a infansia transparecesse na menor acusação. E a infâmia foi endozada



pelos pasquineiros da “Epoca”. Dominados pelo ódio e pela inveja, os nossos inimigos puzeram tudo em prática e d’ahi resultou que todos vêm: o esphacelamento do partido conservador piauiense, o desrespeito a moral e aos bons costumes” (sic) (A PHALANGE, 15 de abril de 2011, p. 1).

A primeira matéria da edição número 20, de 29 de maio de 1889, é dedicado exclusivamente para atacar Theodoro Pacheco. Rezende sai em defesa de Victoriano Francisco da Silva, acusado, segundo Coelho Rezende, injustamente de furto e que tinha Theodoro Pacheco como principal acusador. Após muito difamar o conservador Theodoro Pacheco o que nos mostra claramente a heterogeneidade constitutiva desse enunciado, Rezende finaliza a matéria com as seguintes palavras:

“Nós conhecemos perfeitamente o principio em virtude do qual a ignorância de direito não aproveita a ninguém, máxime aos homens formados, aos homens de lei; mas o sr. Theodoro Pacheco não tem lei nem grey, e além disso é o mais aperfeiçoado quadrúpede da classe dos ruminantes; razão porque não clamamos contra elle, ficando sempre na expectativa de seus actos antes para denunciá-los do que para corrigil-os” (sic) (A PHALANGE, 29 de maio de 1889, p.1).

Na notícia intitulada “O 10 de Março”, de *A Phalange* do dia 04 de junho de 1889, Coelho de Rezende amplia as características do enunciado e passamos a identificar o dialogismo, não mais exclusivo ao jornal *A Epoca*, interagindo com outras publicações, discorrendo sobre a prestação de contas da administração do 10 de Março a fim de contradizer os jornais *A Imprensa* e *a Tribuna Liberal*, que acusava o ministério de má gestão.

Enunciado 6:

“A estes argumentos, que evidenciam a calma, a prosperidade econômica do paiz, e uma questão financeira cheia de severidade e de precisões, responde a Tribuna Liberal: *Estamos em crise!* E o Diário de Notícias acrescenta: - *E a bancarota*” (sic) (A PHALANGE, 04 de junho de 1889, p.1).

Próximo ao período das eleições de 1889, que aconteceram em agosto, *A Phalange* estampa em sua página inicial da edição nº 26, um documento assinado por Simplicio Coelho de Rezende, Manoel José Moreira Leão, José Tavares da Silva, Antonio Marques Guimarães e Dr. Tibério Evares Burlamaque que indicava Coelho de Rezende para concorrer nas eleições gerais de agosto. Configura-se nesse fragmento a formação do discurso de tentativa de conciliação.

Enunciado 7:

“Os abaixo assignados tomam a liberdade de apresentar a Vv. Ss. O nome do 1º dos signatários desta carta como candidato as eleições



geral, e provincial que se têm de proceder em toda a província a 31 de agosto e a 2 de setembro próximos vindouros, convencidos de que ninguém tem mais direito e nem melhor recommenda aos suffragios electoraes desse districto do que o candidato indicado pelos motivos de todos conhecidos, alguns dos quaes vão apontados na circular que a esta campanha” (sic) (A *PHALANGE*, 28 de julho de 1889, p.1).

Seguido ao abaixo assinado, Coelho de Rezende, apresenta pela primeira vez, nos jornais aqui estudados, um discurso de caráter conciliatório, o que é um tanto intrigante, tendo em vista que na edição que justifica o surgimento do periódico *A Phalange*, Rezende declara:

“Os intemeratos commissarios da campanha do descrédito do abaixo assignado tomaram tão a peito, levaram tão longe o desempenho da ominosa tarefa, cavaram tão fundo o fosso que os segregou, *que impossível seria a reconciliação, se por ventura sob o sol podesse haver caso novo*” (sic) (A *PHALANGE*, 12 de janeiro de 1889, p.1, grifo nosso).

Porém, nas páginas do jornal de 28 de julho de 1889, Coelho de Rezende alega não fazer distinção partidária para a campanha das eleições que se aproximam, ou seja, ele além de não excluir os Liberais, propõe uma conciliação com o Partido Conservador, ignorando as rixas alimentadas ao longo das publicações de *A Phalange*:

“Não faço selecção política. Dirijo-me a todo o brioso eleitorado piauiense do 2º districto, porque acredito que, como representante do povo, fiz pelo povo quanto coube na exigüidade de minhas forças [...] Não venho reviver ódios; ao contrario desejo vê-los amortecidos; mas solicitando o concurso de todos para a minha reeleição, deve expender os motivos porque não exceptuo a parte do partido que de mim separou-se nada obstante saber que *alguém* do centro continua a explorar iras que esse *alguem* accendeu e alimenta todo desvelo” (sic) (A *PHALANGE*, 28 de julho de 1889, p.1)

No mês das eleições citadas, apesar de está predominante dialogando com o Partido Conservador da província do Piauí e relatar os acontecimentos piauienses, na edição de nº 30 de agosto de 1889, Coelho de Rezende traz para a primeira página da *Phalange* os fatos relativos as circunstâncias gerais do Brasil, na briga entre Liberais e Conservadores. Outro fato único contido neste jornal é o prenúncio da República, até então, não mencionado por Coelho Rezende, mas que na matéria “Progammas e Manifestos” transparece a preocupação do Conservador com a aproximação da República.

Enunciado 8:

“Temos, portanto, acenando á republica e á federação o messias de liberalismo que galgou o poder para – matar, destruir e inutilizar – os elementos republicanos que surgiam com por encanto de todos os



recantos do Imperio, e esposando a federação – áquelle que tem feito insultar por seus prepostos o maior vulto do federalismo, conselheiro Ruy Barbosa! Portanto – se a futura camara for federalista, o ministério 7 de junho o será também, e se for republicana em sua maioria, o ministério também o será, sancionando com a mais – escrupulosa lealdade – a vontade nacional!” (sic) (*A PHALANGE*, 23 de agosto de 1889, p.1).

Na penúltima publicação que tivemos acesso, do dia 21 de setembro de 1889, passada as eleições, Coelho de Rezende, eleito Deputado Geral graças ao apoio dos Liberais, volta a atacar os Conservadores que os resultados das eleições indicaram não terem o apoiado. Diante do insucesso na sua tentativa de reconciliação Coelho de Rezende volta atacar os conservadores justificando sua aliança com os liberais, depositando na citação a seguir sua personalidade.

Enunciado 9:

“A propósito, dissemos que as ligas as alianças políticas, geralmente admittidas pelos povos civilizados, não são condemnaveis pelo facto de serem estabelecidas entre adversários; mas devem ser estigmatizadas e repellidas pelas influencias políticas que sobrenadam aos ódios e mesquinhos interesses de inculcados chefes, quando contrahidas sem objecto, sem motivo acceitavel” (sic) (*A PHALANGE*, 21 de setembro de 1889, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos sobre Simplício Coelho de Rezende e sua atuação política na imprensa do século XIX observamos quão relevante foi sua participação no cenário piauiense. Polêmico e singular esse personagem traz em torno de si questões controversas quanto a sua participação no partido conservador, já que ele diferenciou-se dos seus correligionários por sua crítica aos rumos que o partido tomava na província do Piauí.

Não satisfeito com a imprensa conservadora, Coelho de Rezende faz das páginas liberais do jornal *A Reforma* palco para seus ideais conservadores tidos por ele como fiéis as idéias originais do Partido Conservador do Brasil.

Diante da repercussão alcançada por suas críticas ferrenhas, Coelho de Rezende fez circular na imprensa piauiense no ano de 1889, o jornal *A Phalange*, tido por ele como “órgão genuíno das aspirações, dos sentimentos e da direcção politica que o abaixo assignado, urgido pela força das circunstâncias, toma a responsabilidade de imprimir à gestão da política conservadora do Piauí”.



No periódico citado e analisado nota-se a presença de três características marcantes a respeito do discurso de Coelho de Rezende enquanto redator principal do jornal A Phalange:

- Discurso de exaltação própria: visível quando Coelho de Rezende mostra-se superior aos demais conservadores e apresenta o seu jornal como a prática ideal para a imprensa conservadora e suas realizações como deputado exemplo de zelo para com a sociedade piauiense;
- Discurso de ataque e desqualificação do opositor: está atrelado na maioria dos enunciados ao discurso de exaltação própria, como uma característica da personalidade de Coelho de Rezende que tem a necessidade de se apresentar como detentor das verdades concernentes ao partido conservador;
- Discurso de tentativa de conciliação: diante da possibilidade de regressar a câmara dos deputados Rezende traça um dialogismo com os demais membros do partido outrora tido por ele como inimigos infieis ao partido conservador na tentativa de obter o apoio desses na campanha eleitoral de 1889. Frustrada a aproximação com seus correligionários, Rezende é eleito devido ao apoio dos liberais, fato que o motiva a prosseguir com ataques e desqualificações aos centristas do Partido Conservador.

Irreverente, atuante e incansável Simplício Coelho de Rezende tem o fim de sua carreira política e jornalística na província do Piauí com as perseguições oriundas da proclamação da República, quando então, cessa sua participação na história piauiense, refugiando-se no estado do Amazonas, mais especificamente, na capital Manaus.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina (1887-1914). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995. p. 132.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1977.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**: das origens a 1888. 5.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975-76.

BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.



CARVALHO, José Murilo. **A Construção da Ordem. Teatro de Sombras.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

CHAVES, Monsenhor. **Cadernos históricos.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

CHAVES, Monsenhor. **Teresina:** subsídios para a história do Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994. p. 188.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Grande Dicionário Histórico-Biográfico Piauiense 1549-1997.** Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os Termos-Chave da Análise do Discurso.** Lisboa, Portugal: Ed. Gradiva, 1997. MAINGUENEAU, Dominique. Os Termos-Chave da Análise do Discurso. Lisboa, Portugal: Ed. Gradiva, 1997.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí.** 3.ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

REGO, Ana Regina Barros Leal. **Imprensa Piauiense:** atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. 9.ed. Ampliada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REVISTA CARTA CEPRO. Teresina: Fundação Cepro, 1977.

REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1918.

REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1938.

REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1965.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império.** 2.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.